

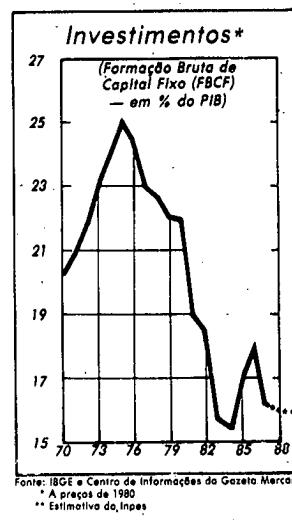
Diminui o ritmo dos investimentos

por Celso Pinto
de São Paulo

A taxa de investimentos da economia brasileira caiu ainda mais no segundo trimestre deste ano, ficando em 16,8% do Produto Interno Bruto (PIB), medida em doze meses. A tendência é de este número fechar o ano na casa dos 16% do PIB, comparável aos piores anos da história econômica recente, entre 1983 e 1985.

O cálculo e a previsão foram feitos pelo Instituto de Pesquisas (Inpes), ligado à Secretaria do Planejamento (Seplan), no seu Boletim de Conjuntura de outubro, recentemente divulgado. A análise feita pelo Inpes reforça as dúvidas sobre o grau de sustentação possível para a recente retomada de algum crescimento industrial.

O Inpes tem um cálculo próprio para o PIB trimestral, o que lhe permite comparar algumas variáveis em termos relativos. No caso dos investimentos,



medidos pela taxa de formação de capital fixo em doze meses, a série mostra que o "pico" recente foram os 18,3% do PIB atingidos tanto no último trimestre de 1986 quanto no primeiro do ano seguinte.

Desde então, houve queda praticamente contínua, até os 16,8% do segundo trimestre deste ano. Nesse período, o PIB também desacelerou (em termos anuais) para chegar a uma queda de 0,2% no segundo trimestre deste ano.

Quando é analisado o comportamento de cada trimestre sobre o trimestre anterior, o resultado é um pouco diferente. O PIB, depois de cair 2% no terceiro trimestre do ano passado, cresceu nos três trimestres seguintes (0,3% no segundo trimestre deste ano). Já o investimento, depois de crescer 0,5% no último trimestre de 1987 e 3,1% no primeiro trimestre deste ano, caiu 2,4% no segundo trimestre. Embora adviria que o comportamento do investimento ainda esteja indefinido, o Boletim do Inpes sugere que a recuperação observada no início do ano não deverá sustentar-se no segundo semestre e a taxa final poderá ficar abaixo de 17% do PIB.

Além de a baixa taxa de investimentos colocar incógnita sobre a sustentação da recuperação econômica, a própria análise da expansão industrial recente acrescenta dúvidas. A expansão industrial tem acontecido especialmente no setor de bens de consumo duráveis (onde o Inpes prevê crescimento próximo a 5% no ano). Em parte isso tem acontecido porque as exportações de manufaturados concentram-se

nesse setor; em parte porque, com a disparada inflacionária, alguns desses bens (como automóveis) passaram a ser comprados como alternativa à aplicação financeira.

Os bens de consumo não duráveis, ao contrário, deverão cair 2,8% no ano, prevê o Inpes. A fragilidade da demanda por bens básicos é efeito, segundo o Boletim, do impacto negativo da aceleração inflacionária sobre a massa salarial. A alta inflacionária, portanto, acaba tendo consequências contraditórias sobre a demanda: estimula a compra de bens de maior valor, como forma de proteção do patrimônio melhor do que as aplicações financeiras, mas derruba a compra de bens básicos, corroendo os salários.

O Boletim atribui a dois fatores, em especial, a responsabilidade pelo impulso neste ano para o crescimento industrial: o aumento de 30% nas exportações

(Continua na página 3)